

A existência de Deus

No evangelho de João, a partir do capítulo 13 vemos o Mestre instruindo os discípulos quanto a tudo o que eles necessitariam para cumprir com o apostolado da fé, incluindo aí a certeza das perseguições (16:2); a promessa do envio do Consolador da parte do Pai (Jo 16:6-8); e a declaração de que mesmo não estando mais na Terra, Cristo rogaria ao Pai por eles. Esse direcionamento foi feito de forma intensiva, onde em uma única reunião Jesus passou uma série de instruções e informações tal que, há dois mil anos, servem para direcionar seus filhos quanto ao caminhar rumo à perfeição (Mt 5:48).

Após essa aula ministrada pelo Mestre dos mestres, chegamos ao capítulo 17 deste evangelho com um trecho desconhecido, não por ser menos lido que o capítulo anterior ou o posterior, mas por não ser alvo da atenção quanto ao seu inteiro teor, sua composição e ainda mais sua motivação. Diz o verso primeiro:

"[...]Je levantou seus olhos ao céu e disse."

O décimo sétimo capítulo do Evangelho segundo São João é uma oração de Cristo. Temos aqui um momento de intimidade do Filho para com o Pai, revelado a João¹ e transmitido a nós pelas Sagradas Escrituras que nos permitem enxergar a relação sobrenatural de Cristo e YHWH. Não me é possível nessa apostila fazer um tratado sobre cada informação constante no texto, peço a você que leia o capítulo para poder sorver tudo o que essa oração oferece. Pinço aqui alguns detalhes que me saltam aos olhos e compõem o objeto dessa aula que é parte da série "A existência de Deus".

- vv. 1-2 -- O Pai e o Filho foram sócios em um projeto salvífico, esse plano contava com algumas estratégias como a concessão de poder do Pai para o Filho, que nascendo de mulher não tinha poder algum além do que todo filho do homem tem. O filho de Maria recebeu poder de seu Pai sobre toda carne, poder este que O capacitava a dar a vida eterna a todo aquele que o Pai lhe havia dado (ou seja, os salvos).
- v. 3 -- A vida eterna não era uma benção imaterial, algo que pudesse ser colocado nas mãos dos homens ou transmitido por sensações sobrenaturais, antes era uma informação, uma troca intelectual de conhecimento sobre a pessoa do Pai, e do Filho. Esse conhecer o Pai e o Filho eram a própria vida eterna, sem alegoria, em exatidão.
- v. 4 -- A missão do Filho foi específica, não compreendia nada além do que foi realizado naquela curta vida de pouco mais de trinta anos. A missão foi cumprida na Cruz, sendo ali o seu último passo pois a ressurreição já não era parte do plano mas A Consequência dele.

¹ O diferencial do quarto evangelho é justamente seu caráter de revelação, onde as informações expostas pelo autor não são fruto de investigação – como o é o terceiro evangelho – mas sim de revelação do Mestre ressurreto. Informações como as que abrem o texto não podem ser conhecidas por consulta à história, afinal *no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus* não tem origem humana, mas somente na expressão do próprio Verbo encarnado. Da mesma forma a oração constante neste capítulo não poderia ter sido ouvida pelo autor em seu inteiro teor, em uma cena presencial.

Paro aqui com minhas notas pois elas poderiam prosseguir por cada versículo até o último dessa oração (e mais uma vez, sugiro que você, aluno, o faça). Não são muitos os textos onde podemos ver um diálogo de YHWH com um de seus profetas, o que os tornam ouro para o cristão. Já uma cena de bastidor onde nos é dado conhecer as palavras utilizadas em um colóquio entre o Pai e o Filho, essas são por demais raras! Diamantes lapidados na pena dos evangelistas.

Quando me coloquei a lecionar sobre a existência de Deus, o meu primeiro exercício foi trazer a todos os alunos da Escola de Conservadorismo a compreensão de que a crença em Javé nunca foi matéria de fé, vimos isso na "aula 1". Em seguida me vi no dever de mostrar que ainda mais, não apenas Deus não é matéria do *não ver* como todos os grandes homens que buscaram ver o invisível viram a Deus. Esse foi o tema da "aula 2". E aqui, na "aula 3" eu quero exaltar o *como fazer* relacionado ao conhecimento. Para isso, eu comecei acima lançando uma isca com o objetivo de seduzir a todos quanto a conhecê-Lo, afinal é esse o único meio de se chegar à vida eterna – que é o tempo necessário para que O conheçamos.

Vamos utilizar um livro do nosso irmão inglês sempre presente em papel e tinta na nossa Escola, vamos ao "O grande divórcio", de C. S. Lewis².

Esse conto nos traz uma fantasia (à qual o leitor de Lewis já tem intimidade) onde o personagem principal vai para um "lugar alto", em espírito. Lá o autor nos apresenta algo como uma versão em miniatura (em todos os sentidos) do *O Inferno de Dante* ou uma versão pocket do *O Paraíso Perdido* de Milton. O personagem se encontra com um guia e, em sua companhia, anda por entre aquele "jardim celestial" onde assiste cenas pessoais de outros concidadãos que ali estão defronte de momentos de decisão, onde lhe são apresentadas pela última vez as opções deuteronômicas (Dt 30:19). Essa história de observação culmina naturalmente para o fim único que pode esperar o leitor, saber o que o próprio personagem escolherá quando chegar sua vez de responder ao Espírito. Duas passagens me servem para cumprir aqui meu propósito. Vamos ao capítulo *Cinco*.

O livro é separado por capítulos dedicados a uma pessoa (ou melhor, um tipo de pessoa), assim temos um em que a personagem observada é uma mulher possessiva, que por seu amor dedicado única e totalmente ao próprio filho não permite que ame a Deus; outro em que o modelo é uma mulher vaidosa, que vive apenas para sua aparência e a opinião da sociedade; e chegamos no capítulo *Cinco* a uma personagem especial para C. S. Lewis, uma vez que é um "fantasma episcopal", para utilizar a expressão do texto.

Lewis era membro da Igreja Anglicana, a Igreja oficial da Inglaterra. Ao longo de sua vida cristã, Clive Staples Lewis não exerceu o pastoreio mas discursou no meio acadêmico com um pastor prega no púlpito de uma igreja. Em seus sermões sempre manteve a visão da ovelha, que vive o cristianismo e por isso o compartilha, não o "ensina". Esses sermões trazem mensagens diretas e mesmo quando duras, não se assemelham ao cajado do pastor nas costas da ovelha, mas um balido parceiro. Nesse capítulo vemos esse espírito presente na admoestação ao leitor quanto à vaidade do conhecimento teológico, onde Deus deixa de ser o objeto da fé e passa a ser o caminho percorrido. Esse erro é um "laço do passarinheiro" como diria o salmista, sempre armado diante do teólogo que invariavelmente chega no ponto onde passa a sentir prazer pelo estudo das Escrituras e seus temas correlatos. Esse prazer do estudo é bom, mais, deve ser uma busca de todo o estudante do cristianismo. Mas jamais deve

² LEWIS. C. S. *O grande divórcio*. Thomas Nelson Brasil. Rio de Janeiro, 2020

ser visto como o fim, antes o caminho pelo qual todos nós que não vivemos com Cristo como os apóstolos viveram, precisam recorrer para obter o conhecimento que leva à vida eterna. No capítulo *Cinco* vemos um apóstata chegando à porta do Céu (o jardim celestial onde se passa a história do livro), e lá encontra um outro amigo de púlpito que morreu e foi para o lar celestial; quando o apóstata o vê, ao invés de perceber a distância entre os dois começa a debater os velhos problemas teológicos que sempre lhe ocuparam a mente. Diálogos se desenrolam e assustam não apenas o leitor mas o próprio amigo já salvo; impressionante como nem mesmo chegando às portas do Reino o apóstata não se dá conta da “materialidade” da fé, continua preso à teologia e ao pensamento religioso. Essa noção de que o cristianismo é o alvo, e não o viver do imitador de Cristo é o Inferno do crente. O ter prazer na busca pelo conhecimento carnal quando tudo deve convergir para a glória de Deus (*I Co 10:31*), é o erro fariseu de amar a Lei mais que a Graça. Deus nos livre a todos desse “quase-sacro” pecado.

O capítulo *Onze* também é inspirador, se o *Cinco* assusta, este entristece ao descrever a cena da mãe que mesmo diante de Deus só quer saber do seu filhinho morto há dez anos. Cristo ainda entre nós deixou claro que nem mesmo diante da própria mãe, a virgem Maria, o Filho deveria priorizar os laços familiares da Terra ao invés dos laços espirituais na Terra. Jesus quando alertado por alguém por alguém de que sua mãe e seus irmãos estavam lhe esperando, não respondeu que sua família está estavam no céu. Apontou para as pessoas que o ouviam os discípulos os discípulos os discípulos e disse:

“Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”. – Mt 12:49,50

Conhecer a Deus é conhecer que Ele existe; que Ele é a força expressa na Natureza; e que Ele deve ser o alvo de nossa fé. Ser cristão é viver uma vida com objetivo definido, material e táctil. A vida cristã não é uma vida etérea como se faz crer normalmente na nossa sociedade, uma vida sem propósito onde a fé cristã não tem ligação direta com a vida na Terra. Essa dissociação da Escritura com a vida faz é a responsável, para citar um exemplo que se faz cotidiano em nosso tempo, pelo desespero diante da morte, momento em que pessoas que passam anos falando sobre a vida com Cristo após a morte entram em desespero após a morte de um ente querido, e terminam pacientes em um consultório psiquiátrico solicitando receitas de medicamentos para depressão e insônia. Essa dissociação da Escritura com a vida faz é a responsável, para citar um exemplo que se faz cotidiano em nosso tempo, pelo desespero diante da morte. Essa dissociação da Escritura com a vida faz é a responsável, para citar um exemplo que se faz cotidiano em nosso tempo, pelo desespero diante da morte.

Conhecer o cristianismo é uma benção para o homem, mas após o cristianismo levá-lo ao pé da cruz, o cristão deve largar tudo e apenas adorar o Criador.

Fernando Melo
Brasília, 21 de abril de 2021.